

DGRH/AB
IEL/c.c.
9.4



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

MEMORIAL

PARA PROVIMENTO DE CARGO DE PROFESSOR TITULAR

DEPARTAMENTO DE LINGUISTICA

MARY AIZAWA KATO

1989



INDICE DO MEMORIAL

0. Introdução	1
1. Antecedentes linguísticos	1
2. Meus dilemas vocacionais e minha formação acadêmica	7
3. Minha trajetória profissional	17
3.1. Atividades de ensino	17
3.2. Atividades de orientação	21
3.3. Participação em bancas de mestrado e de doutorado	26
3.4. Participação em bancas de concurso	28
3.5. Conferências proferidas sobre temas sintáticos	28
3.6. Participação em mesas redondas e grupos de trabalho	29
3.7. Assessorias e comissões	30
3.8. Trabalhos de editoria	30
3.9. Atividades administrativas	31
4. Produção científica	32
4.1. Gramática	34
4.2. Psicolinguística	38
4.3. Diversos	41
4.4. Produção técnico-didática na área de ensino da gramática	42
5. Conclusões	42
6. Localização dos comprovantes	i



0. INTRODUÇÃO

Da mesma forma que a variação sincrônica de uma língua pode revelar muito do seu desenvolvimento histórico, passado e futuro, acredito que muito do que hoje somos, cultural e academicamente, tem uma explicação coerente em nossa vida pregressa e, ao mesmo tempo, dá pistas quanto às nossas tendências e especulações futuras.

Procurarei, pois, dar um sentido ao que hoje faço e penso, através de uma análise introspectiva de : 1) meus antecedentes linguísticos; 2) meus dilemas vocacionais e minha formação acadêmica; 3) minha trajetória profissional e 4) minha produção científica e educacional.

1. ANTECEDENTES LINGUISTICOS

Nascida brasileira, paulista, de pai japonês e mãe nissei norte-americana, minha primeira língua foi o japonês, com um bom componente lexical em inglês.

Posso dizer que fui monolíngue até os seis anos, ocasião em que ingressei em uma escola brasileira. Ao contrário da maioria dos pais na comunidade japonesa e outras comunidades minoritárias, que enviavam seus filhos para escolas bilíngues mantidas pela colônia, meus pais optaram conscientemente pela alternativa de encaminhar os filhos para uma escola brasileira, mantendo a parte da educação japonesa em casa, principalmente através de farta provisão de livros e discos importados. Meu irmão mais velho teve um instrutor externo, enquanto eu e minha irmã tivemos minha mãe e minha tia como professoras. Talvez

minha mãe quisesse inconscientemente desempenhar o papel da mãe-instrutora ('education-mother'), função até hoje preservada no Japão.

O esquema, porém, funcionou por pouco tempo. Com o advento da Segunda Guerra, não só as escolas e cursos foram fechados como também todo o material impresso em língua japonesa foi confiscado.

Contudo, a essa altura, através das leituras de histórias por minha mãe e minha tia, eu já havia adquirido, por estratégias próprias, toda a escrita silábica do japonês, além de uns poucos ideogramas, o que me possibilitava devorar muitos dos livros infantis que nós recebíamos, um caso típico de aprendizagem funcional. Por outro lado, aprendi, ainda nessa época, a recitar a tabuada completa de multiplicar em japonês, através de meu irmão, que, ao estudá-la em voz alta, fornecia-me o 'input' necessário para uma aprendizagem, diríamos, exemplarmente behaviorista. Foi somente mais tarde, na escola, que dei um sentido àqueles significantes. Até hoje faço contas de somar em português e de multiplicar em japonês, em um claro processo de 'code-switching'.

Apesar de não ter o domínio da língua portuguesa, fui a primeira aluna a ser alfabetizada e a que primeiro recebeu o livro de leitura. Uma reflexão sobre esse aprendizado é feita em um de meus trabalhos sobre alfabetização. Uma consideração paralela que mereceria ser feita é sobre a aquisição oral de uma segunda língua concomitantemente com sua escrita, situação comum em ensino/aprendizagem formal de língua estrangeira, mas que, no caso de situação de imersão, pode ter-me dado logo cedo a consciência do contraste entre os dois sistemas.



Minha aquisição do português prosseguiu concomitantemente por duas vias: a auditiva e a visual. A aquisição do japonês, por outro lado, após aquelas primeiras incursões pela escrita, passou a ser apenas na base auditiva e seu uso ficou restrito ao uso doméstico e aos interlocutores familiares (pais, tios e avós). Quando conheci a família de meu marido, totalmente constituída de japoneses 'issei' (primeira geração), fui estimulada a ampliar o domínio do meu japonês para usos mais formais e, ao mesmo tempo, para o uso informal entre co-etários, situação estranha para mim, que havia usado essa língua apenas com interlocutores mais velhos. Para mim, coordenar e diferenciar essas duas variáveis-- grau de formalidade e idade do interlocutor-- não foi uma tarefa fácil. Penso, porém, que o convívio frequente com os novos familiares permitiu uma absorção rápida e fácil dos vários registros. Sinto que, no meu uso do japonês, minha sintaxe é quase perfeita e meu domínio dos vários registros é bastante adequado, mas persiste ainda muito da minha deficiência vocabular, o que me faz refletir sobre esse bloqueio tão curioso. Por que aprendo, sem dificuldades, novas palavras, em português e inglês, e meu vocabulário em japonês não se desenvolveu? Uma explicação estritamente funcionalista não seria a resposta, pois frequentemente me defronto com a necessidade de alguém preencher lacunas no meu vocabulário, seja para me ajudar a falar o que eu quero, seja para entender o que me escapou à compreensão no decorrer de uma conversação.

Por outro lado, o fato do meu vocabulário do português e do inglês continuarem a ganhar entradas novas parece ter muito a ver com o fato de ler e escrever nessas línguas. O fato pois de ter perdido o pouco

de letramento que adquiri no japonês pode ser a causa da fossilização do meu vocabulário nessa língua.

A aquisição da minha terceira língua, o inglês, iniciou-se aos doze anos, no antigo ginásio, e ao mesmo tempo na Cultura Inglesa. Naquele tempo, em lugar da primazia do oral e do funcional, dava-se mais ênfase à escrita e aos aspectos proposicionais da língua, numa abordagem normativo-gramatical. Até hoje, os efeitos desse tipo de aprendizagem fazem-se sentir nas minhas habilidades linguísticas em relação ao inglês, e também ao francês, minha segunda língua estrangeira. Faltam-me as fórmulas fáticas para preencher vazios no discurso pouco planejado, as formas dialógicas convencionais para manter uma conversa de salão ou as estratégias expressivas para contar uma piada. Faltam-me ainda as expressões afetivas para me dirigir a uma criança ou a um animal de estimação e as fórmulas ritualísticas para situações sociais como enterros, casamentos e despedidas.

Considero-me, porém, quase tão proficiente quanto um nativo de formação acadêmica, no uso proposicional da língua inglesa, e isso tanto no nível de compreensão quanto no de produção. Com relação ao francês, minhas habilidades restringem-se apenas à de compreensão, limitando-se a produção a expressões elementares quase "pidgin", suficientes para a sobrevivência turística.

Meu japonês, por outro lado, é bastante desenvolvido nos usos fáticos e convencionais e pobre em vocabulário abstrato e em construções complexas tensas, os quais acredito sejam adquiridos preponderantemente através da escrita e da educação formal. Poderia dizer que a forma do meu japonês é sintaticamente frouxa, cheia de

postigos e elementos preenchedores de pausas, isto é, justamente o contrário do meu inglês, que é sintaticamente tenso, porém pragmaticamente pouco eficaz para situações descontraídas.

Consciente da minha deficiência de vocabulário, no japonês, recorro muitas vezes ao vocabulário em inglês, numa mistura tolerável para o nativo, que, desde o fim da segunda guerra, ouve e produz sua língua altamente contaminada pela língua inglesa. A consciência dessa mistura tem me levado a observar que há restrições quanto à categoria que permite empréstimo. O substantivo é a classe que permite mais facilmente ser absorvida. O adjetivo é a classe seguinte. O verbo, quando absorvido é necessariamente um verbo de ação, mas ele assume a categoria de um nome constituindo uma perífrase com o verbo 'suru' (=fazer), como, por exemplo, 'try suru' (=lentar). Não tenho observado nenhum caso de absorção do advérbio ou de alguma classe gramatical (artigo, preposição, conjunção, demonstrativo, auxiliar). Hierarquia semelhante parece ocorrer quando se absorve o vocabulário português no uso do japonês. A absorção do verbo toma o mesmo tipo de configuração, com a redução do verbo ao seu radical: 'senta-suru', 'corre-suru'. Curiosamente, com o português como língua de empréstimo, pronomes e advérbios podem ocorrer: 'perto desso' (=fica perto), 'você-ga warui yo' (=é você que está errado). Embora essas formas possam ocorrer, elas me repugnam muito mais do que a mistura de substantivos, o que me leva a especular sobre a existência de algum tipo de hierarquia categorial que rege contactos linguísticos. Nos empréstimos do inglês, na área da computação, o uso de substantivos como 'input', 'default' parecem violar menos o português do que verbos como 'deletar' e 'printar' que os programadores e analistas estão

introduzindo. Quanto pois dessa hierarquia hipotetizada seria universal?

Ao contrário do japonês e do inglês, cujas habilidades para mim são complementares, o português é a língua em que me sinto mais proficiente, o que leva a rever a correlação de primeira língua com proficiência plena e ainda a tese de que a aquisição sintática natural se completa aos seis anos. A interferência do japonês sobre o meu português aparece minimamente, segundo opinião de colegas linguistas, na entoação, no uso do preenchedor de pausa 'né', comum às duas línguas, e em alguns aspectos de concordância não marcada ou excessivamente marcada (estratégia de hipercorreção), esta última característica, um fenômeno de variação encontrado mesmo em falantes nativos. O que se pode deduzir desse meu caso é que a aquisição que se inicia aos seis anos pode não apresentar diferenças significativas em relação à aquisição da primeira língua, que se inicia na primeira infância. O contingente grande de filhos de imigrantes que apresenta uma proficiência comparável à minha mostra que não se trata meramente de um caso individual excepcional, mas que efetivamente a aquisição de uma segunda língua em situação de imersão nessa idade pode ser praticamente equivalente à aquisição normal de primeira língua.

Essa constatação, no contexto brasileiro, leva-me a considerar o problema do insucesso da educação das minorias étnicas nos Estados Unidos e em alguns países da Europa como sendo um problema de ordem mais político-social do que psicolinguístico. O Brasil me parece ser um exemplo de que a educação pode ser dada na língua majoritária, sem

nenhum programa bilingue especial, desde que socialmente haja condições de integração dessas minorias.

Esta análise de meus antecedentes linguísticos constituiu um momento de consciência metalinguística, que favoreceu o levantamento de várias questões linguísticas e psicolinguísticas. É possível ainda que a experiência que vivi inconscientemente possa ser atribuída muito de minha intuição como linguista e também de minha preferência pelo estudo da variação translinguística, seja ele em uma perspectiva contrastiva, tipológica ou paramétrica.

2. MEUS DILEMAS VOCACIONAIS E MINHA FORMAÇÃO ACADEMICA

A facilidade com que aprendi línguas foi acompanhada pela facilidade com que aprendi matemática. Minha aprendizagem precoce da tabuada pode ter sido parcialmente responsável pela rapidez e facilidade com que aprendi esta última. Fui fiel a essas disciplinas durante todos os meus anos escolares: a primeira aluna em matemática, português, latim e inglês.

Ao ter que optar pelo clássico ou científico, optei por este último, porque me sentia tendendo mais para a área das chamadas disciplinas exatas. Não me apaixonaram as ciências naturais, que requeriam uma observação e percepção do concreto e que exigiam experiências longas e passíveis de serem invalidadas por falhas de controle de fatores ou de cálculos errados. Fascinava-me, na matemática, seu caráter abstrato, mas lógico, a força de seu discurso argumentativo, o caráter

definitivo de suas asserções. Apaixonaram-me, na filosofia, suas especulações sobre a realidade através da linguagem .

Continuei com um desempenho exemplar em línguas embora não me agradasse a abordagem pouco científica com que eram abordadas e ensinadas.

No momento do vestibular, meu dilema vocacional ficou entre língua e matemática , que na ocasião estava acoplada à física. Em relação àquelas, minha preferência ficava entre letras clássicas e letras anglo-germânicas. Quanto ao dilema, prevaleceu a escolha de meu pai e sua visão machista de possíveis carreiras femininas: letras. E, dentro dessa área, escolhi anglo-germânicas motivada por meus antecedentes linguísticos e por uma razão pragmática : a de não ter tido latim no curso científico.

Na ocasião em que ingressei na Universidade de São Paulo, consegui também o meu certificado de Proficiência em Inglês por Cambridge. Não poderia deixar de mencionar o curso que me levou a conseguir esse certificado pois foi o primeiro, em meus longos anos escolares, que efetivamente me ensinou a redigir. Aprendi a escrever um texto acadêmico em inglês e a traduzir textos de vários tipos, tanto do inglês para o português quanto do português para o inglês. Foi nessa ocasião que tive consciência de quanto a escola brasileira acredita gratuitamente no fato de que o aluno aprende a escrever sem uma instrução formal. Devo parte de minha formação obtida nessa ocasião à minha colega por muitos anos na PUCSP, Maria Antonieta Alba Celani,



responsável também pelo meu ingresso na vida acadêmica muitos anos depois.

O curso universitário, por outro lado, foi pouco desafiante comparado com o científico que cursei no antigo Ginásio do Estado, no parque D. Pedro II. Não me lembro de nada que me tenha satisfeito como um trabalho intelectual de fôlego. Se os cursos de bacharelado foram pouco desafiadores, os de licenciatura foram totalmente decepcionantes. Licenciiei-me sem ter a mínima noção do que envolve a aprendizagem linguística. O curso de especialização em Letras, feito em 1958, enfatizou a parte literária, mas pouco acrescentou à minha formação linguística.

Mantive-me fiel à matemática durante o curso de bacharelado, dando aulas dessa disciplina a ginásianos e colegiais; abandonei-a durante a licenciatura para começar minha carreira de professora de língua. Apesar de despreparada, consegui ser uma professora razoável de inglês no secundário, motivando os alunos através de montagem de peças e ensino de canções. Descobri que é a motivação, mais do que o método, que funciona nessa idade.

Deixei o magistério para formar família, despertando do 'torpor da maternidade', como diz Lawrence, nove anos depois, ao empreender uma viagem de dois meses ao Exterior, viagem essa que me fez ver a possibilidade de distribuir meu tempo entre casa, marido e filhos de um lado e uma atividade profissional do outro. Continuei com minha atividade de mãe instrutora acompanhando os filhos na alfabetização e



no estudo da matemática moderna, dando ao lado disso aulas de inglês para eles e seus amiguinhos. Fascinou-me, na ocasião, o estudo da matemática moderna e acabei estudando sozinha a teoria dos conjuntos e a teoria das funções.

Minha verdadeira vocação definiu-se no curso de pós-graduação em Letras-Inglês, na USP, através do qual tomei meu primeiro contacto com a linguística, em sua abordagem estruturalista, dentro da linha americana. Foi amor à primeira vista. Vi nela a convergência da língua e da matemática. Fiz ainda, na ocasião, um curso de extensão sobre fonologia americana, na União Cultural Brasil Estados Unidos, na mesma abordagem.

Embora a abordagem formal, indutiva e taxonômica da análise linguística me atraísse pela objetividade, a teoria sobre aprendizagem que a acompanhava não vinha ao encontro das minhas intuições formadas a partir de minhas experiências linguísticas prévias. Foi nessa ocasião (1968) que apareceu um artigo no Time Magazine sobre a querela Hockett-Chomsky. O artigo enfatizava principalmente as diferenças relativas às posições dos dois cientistas sobre aquisição linguística, justamente o ponto que não me satisfazia no estruturalismo americano. Fiquei curiosa para saber o que aquele linguista desconhecido tinha a dizer sobre teoria linguística. Descobri alguns artigos e livros sobre a teoria gerativa e neles encontrei perguntas e especulações iluminadoras. Vi ainda que a proposta incidia basicamente sobre a sintaxe, componente pouco explorado no estruturalismo, fato que aumentou meu interesse.

Na procura de um aprofundamento dessa teoria, participei, em 1969, do III Instituto Interamericano de Linguística, na Universidade de São Paulo, no qual cursei para crédito, as seguintes disciplinas:

- Morfologia e Sintaxe (Prof. Ivan Lowe)
- Gramática Transformacional(Heles Contreras)
- Linguística Computacional (Philip Smith)

Cursei os dois primeiros com o propósito de comparar a abordagem estruturalista de Pike com a nova proposta chomskyana. Ganhou este último na minha preferência. A terceira disciplina mostrou-me muito mais como o computador era ainda um instrumento pouco útil para o linguista. Evidentemente o quadro hoje é outro: mesmo para uma visão não-quantitativista, o computador pode ser usado para teorias sobre 'parsing', montadas sobre diferentes concepções de gramáticas sintagmáticas. Cursei ainda como ouvinte a disciplina de John Martin, Estrutura do Inglês, em uma abordagem gerativista. O fato de eu estar já à procura de uma alternativa para o estruturalismo facilitou enormemente a minha aceitação e compreensão da nova teoria, quando para muitos dos participantes a relevância das propostas chomskyanas ainda não era muito clara. Por outro lado, minha intuição de várias línguas levou-me a questionar a universalidade implícita de muitas propostas. Mal sabia nessa época que Chomsky estava apostando longe e que suas regras e construtos ainda estavam no nível da adequação meramente descritiva.

Terminei meu mestrado em Letras-Inglês na USP em 1970 , defendendo a dissertação:

Some further inquiries into the perplexing problem
of some-any

um estudo que hoje seria mais interessante se tratado como um problema da Forma Lógica .Proponho nesse trabalho que há dois usos para esses itens: o de quantificador e o de um determinante 0, de valor quase-estético.

Mal terminei o mestrado, comecei o doutorado na PUC de São Paulo, convidada pelo Professor John Martin, que fora contratado para ministrar disciplinas de pós-graduação no Programa de Linguística Aplicada . Nesse programa, cursei as seguintes disciplinas:

- Modelos de descrição linguística (Prof. John Martin)
- Sintaxe do inglês (Prof. Mercedes Rice)
- Projetos de pesquisa linguística (Prof. John Martin)
- Lógica do conhecimento científico (Prof. Leonidas Hegenberg)

A ênfase dos três primeiros cursos incidiu sobre a sintaxe gerativa, do modelo padrão ao modelo padrão estendido, passando pela semântica gerativa. O quarto curso contrapôs a visão carnapiana à popperiana de fazer ciência, conteúdo altamente relevante para quem, como eu, havia vivenciado a perspectiva carnapiana do estruturalismo americano e a visão popperiana de Chomsky.

O curso culminou com a apresentação, em 1973, da tese:

A Representação Semântica do Artigo Definido

republicada sob o título:

A Semântica Gerativa e o Artigo Definido (1974)

O trabalho analisa os artigos do ponto de vista da lógica de Frege e Russell, passando para lógicos mais modernos como Strawson e Donnellan e procura mostrar a relação entre a distribuição dos artigos, e do artigo definido em particular, em relação à função lógica de predicado e de quantificador. Embora na ocasião tenha me apoiado numa abordagem da semântica gerativa, que elimina o conceito de estrutura profunda sintática, fazendo-a coincidente com a representação semântica e até pragmática, acredito que o trabalho contém uma argumentação lógica e empírica ainda válida, que pode ser usada em um tratamento dentro da teoria da predicação da abordagem gerativista atual. Uma tentativa nesse sentido está sendo feita a partir da restrição de definitude nas inversões VS em português, em um trabalho em colaboração com Milton do Nascimento.

Na elaboração da tese contei com o apoio e a boa-vontade de minha colega Maria Antonieta Alba Celani, que, embora aprendiz da teoria como eu (como o eram todos os linguistas na ocasião), acedeu em ser minha orientadora, ajudando-me com seu 'feed-back' encorajador e inteligente a levar a cabo a elaboração do trabalho. Também colaboraram nesse trabalho duas pessoas que não poderia deixar de mencionar: Leila Barbara, hoje Magnífica Reitora da PUCSP, e Cláudia Lemos, que, de Edinburgo, mandava-me o que achava relevante à minha tese.

Assim, em pouco mais de quatro anos profissionalizei-me linguista .

Contudo, minha formação não parou aí. Se outras áreas da linguística apresentam períodos mais ou menos estáveis, não é esse o caso da sintaxe. É uma área em constante ebulição , que não perdoa paradas. Assim, busquei cursos em nível de pós-doutorado nos vários institutos promovidos pela Linguistic Society of America. Seguem abaixo os Institutos de que participei e os cursos que fiz na qualidade de 'visiting scholar':

I. Universidade de Massachusetts, julho-agosto de 1974

- Grammatical Relations in Syntactic Theory
Profs: David Perlmutter e Paul Postal

- Montague's Theory of Language
Prof: Barbara Hall Partee

- Functionalism in Grammar
Prof: Sussumu Kuno

A década de setenta viu um certo ceticismo em relação à teoria gerativa , o que levou os linguistas de primeira linha à procura de alternativas de modelos descritivos. Três das mais conhecidas são as propostas contidas nos cursos acima, oferecidos pelos próprios teóricos proponentes. Abracei por um tempo o funcionalismo de Kuno, por este não fugir da teoria gerativa em sua essência, mas apenas acrescentar algumas interpretações funcionalistas a fenômenos mal analisados. Meus projetos dessa época mostram ainda a influência também dos linguistas relacionais.

II. University of Hawaii, 1977

- Lexical Semantics
Prof: Charles Fillmore

- Lexicase
Prof: Stanley Starosta
- Pragmatics
Prof. Patricia A. Lee.
- Development of children's discourse
Profa: Suzan Ervin-Tripp

A escolha dos três primeiros cursos acima deveu-se à necessidade que senti em aprofundar o componente lexical da gramática e também para me aprofundar nas questões relativas a significado lexical, proposicional e pragmático. De um estudo lexicológico mais ligado à sintaxe, como o de Starosta, proponente da teoria da 'lexicase', até um estudo mais cognitivo do significado lexical de Fillmore combinado com um tratamento pragmático de atos de fala e a interpretação dos verbos performativos, cobriram-se, nesse Instituto, vários níveis de significado lexical. O curso de Ervin-Tripp me abriu os olhos para uma abordagem discursiva conversacional, além de prover uma vasta bibliografia sobre discurso infantil, material que teve importante papel em meus projetos de linguística aplicada como se verá mais tarde.

III. University of Salzburg, 1979

- X-bar theory
Prof: T. Wasow
- Trace-theory
Prof.: D. Lightfoot
- Pronominalization
Prof.: T. Wasow

Note-se, na escolha, a predominância absoluta da sintaxe, e uma organização ainda inconsciente da visão modular da gramática. Os três cursos abordam três das sub-teorias que compõem o modelo sintático que

se desenhará na teoria da Regência e Vinculação (Government and Binding): a teoria da X-barra, a teoria das categorias vazias e a teoria da ligação.

IV. University of Maryland, 1982

- The theory of Government and Binding
Prof: F. Newmeyer
- Parsing Models
Profa: Marie Louise Kean
- O modelo Logogen de leitura
Prof: John Anderson

A escolha dos cursos ainda privilegiou a sintaxe: o primeiro deles, já na ótica corrente da gramática gerativa, e o segundo, que abordou o problema do analisador (parcelador) sintático, uma visão processual de como se dá a interpretação sintática das sentenças em suas versões 'top-down' e 'bottom-up'. O curso de Anderson, autoridade em modelos experimentais de leitura, tanto com sujeitos normais quanto com os que apresentam distúrbios, introduziu-me no mundo fascinante da leitura e suas questões sobre a interação entre conhecimento linguístico e de outros sistemas, no ato específico da interpretação da escrita, abordando o processo 'top-down' e 'bottom-up' de interpretação já no nível da palavra. . Inicia-se aí meu interesse paralelo pela área da leitura e da escrita e que marca meus trabalhos em linguística aplicada nos anos subsequentes.

V. CUNY-Graduate Center, 1986

- Parameters in Syntax
Profs: Luigi Rizzi e Ken Saphir
- Formal Syntax Approaches to Typological Universals
Prof: John Whitman

- Functional Syntax
Prof: Sussumu Kuno

Novamente aqui a escolha privilegia a sintaxe, mas com um interesse particular pela teoria da variação translinguística, dentro do modelo da Regência e Vinculação. O curso de Kuno foi ainda importante pelas críticas ao próprio modelo da Regência, que me permitiu ver onde a teoria ainda se mostra frágil.

Além dos Institutos de Linguística, que foram essenciais na minha formação e atualização científica, os estágios de pesquisa a seguir foram essenciais no amadurecimento de projetos de pesquisa:

- Pesquisador visitante do Conselho Britânico na London School of Education, 1984.
- Pós-doutorado como Professor Fulbright em Harvard, 1986

Essa retrospectiva da minha formação acadêmica mostra que ela retrata o próprio avanço da linguística: comecei pelo estruturalismo; passei pelas várias versões da gramática gerativa, estudei a Gramática Relacional, tomei contato com uma das versões lexicalistas na sintaxe e me interessei pelo funcionalismo formal de Kuno. Minha formação continua, pois acredito que o grau de conhecimento se mede muito mais pela consciência do que não sabemos do que pela convicção do que pensamos saber.

3. MINHA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

3.1. Atividades de ensino



Como disse, na seção anterior, comecei a lecionar inglês ainda cursando a Faculdade. Ensinei por dois anos em escola particular e pública, em nível ginasial.

Afastei-me da profissão por nove anos, época em que constitui família e vivi apenas em função dela.

Ao voltar a estudar, após esses anos todos, na pós-graduação em Letras-Inglês na USP, voltei também a ensinar inglês, desta vez na União Cultural Brasil Estados Unidos.

A metodologia, calcada no estruturalismo e behaviorismo, era-nos imposta em um treinamento que consistia em uma verdadeira lavagem cerebral.

Quando iniciei meu doutoramento na PUCSP, em 1970, fui convidada pela Professora Maria Antonieta Alba Celani a lecionar morfo-sintaxe, no curso de bacharelado em inglês, convite que me libertou da angústia de estar me subordinando a uma metodologia em que não acreditava. Lecionei essa disciplina, dada em dois anos, durante sete anos consecutivos, além da disciplina Uso do Inglês, experiência que me possibilitou consolidar meus conhecimentos de sintaxe, de morfologia e dos aspectos de uso de uma língua. Por estar sempre preocupada em dar a matéria contrastivamente com a morfologia, a sintaxe e os aspectos funcionais da gramática do português, acabei me aprofundando também na gramática do português.

Em 1974, ano subsequente ao de meu doutorado, integrei o Programa de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas, onde permaneci como parte do corpo docente permanente até o fim do primeiro semestre de 1988, ocasião em que me desligo dessa função e passei a participar como assessor de ensino e pesquisa. Nesse programa lecionei as seguintes disciplinas:

- Teoria Linguística
- Sintaxe do Inglês
- Sintaxe do Português
- Introdução à Semântica e Pragmática
- Linguística Contrastiva
- Tópicos de Linguística Aplicada
- Projetos de Linguística Aplicada

Em 1986, iniciei meu vínculo com o Departamento de Linguística da UNICAMP, na qualidade de professor Visitante, lecionando a disciplina Tópicos de Sintaxe: A Ordem dos Constituintes. Passei a professor em regime RTC a partir de 1987, atuando ainda só na pós-graduação em linguística. Lecionei nesse período as seguintes disciplinas:

- Tópicos de sociolinguística: variação da ordem em português
- Tipologia linguística

Em 1988, passei ao regime de dedicação exclusiva lecionando, no nível de graduação a disciplina Estrutura do Português III e na pós graduação as disciplinas:

- Introdução à Sintaxe
- Tópicos de Sintaxe: Sintaxe Paramétrica

No presente semestre darei as seguintes disciplinas:

- 
- Introdução à sintaxe
- Leitura dirigida em gramática: Modelo dos parâmetros e aquisição linguística

Dentre os muitos cursos que ministrei como professor visitante enumero os seguintes , relevantes para a área da sintaxe:

- Universidade Estadual de Campinas, 1972
Disciplina: Sintaxe (pós-graduação)
- Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1976
Disciplina: 1. Sintaxe dos verbos auxiliares e modais
2. Adjetivos e Advérbios
(pós-graduação)
- Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,
1977.
Disciplinas: Gramáticas Pedagógicas (extensão)
- Universidade Federal de Minas Gerais (1979)
Disciplina: Seminário de Sintaxe Inglesa (pós-grad)
- Projeto Rondon, João Pessoa, 80
Disciplina: Sintaxe da Língua Portuguesa (extensão)
- Universidade Estadual Paulista (Araraquara)
Disciplina: Sintaxe Gerativa (Especialização)
- Universidade Estadual de Campinas/V Instituto Inter-
Americano de Linguística do PILEL, 1982
Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna:
Avaliação de Maturidade Sintática (Pós-graduação)

A trajetória docente mostra que atuei predominantemente na área da sintaxe e da gramática de um modo geral, abrangendo não só teorias sintáticas como também a descrição de línguas particulares, isoladamente ou de forma comparativa, tendo ainda dado cursos com a preocupação de aplicação pedagógica em nível de primeiro grau. A atuação se deu tanto em nível de pós-graduação 'stricto sensu', como também em nível de especialização, extensão e graduação.

3.2. Atividades de orientação e de participação em bancas

Desde 1974 dedico-me a orientar dissertações de mestrado e, a partir de 1979, a orientar também teses de doutorado. Seguem abaixo os títulos dos trabalhos que orientei :

3.2.1. Dissertações de mestrado

1. Nadia Velinho Tondo, PUCSP, 1976.

Título: Aspectos sintáticos e semânticos da concordância verbal do português.

2. Samira Samara, PUCSP, 1976.

Título: Análise das orações relativas introduzidas por onde

3. Camila Augusta de Oliveira Dixo Lier, PUCSP, 1977.

Título: As construções causativas e incoativas do inglês e do português.

4. Sumiko N. Ikeda, PUCSP, 1977.

Título: A função do pronome se

5. Laís Furquim de Azevedo, 1978

Título: A decomposição lexical e os verbos do português prefixados em en, a e des .

6. Sandra Madureira Fontes, PUCSP, 1978.

Título: As construções comparativas do português e do inglês.

7. Paulina A. Rocca , PUCSP, 1978.

Título: Padrões sintáticos complexos do inglês e do português: análise contrastiva e sugestões de aplicação pedagógica.

8. Marlei Silva, PUCSP, 1978.

Título: Um termo assessório: o aposto.

9. Elsa Massae Sato, PUCSP, 1978.

Título: Verificação da incidência do uso de padrões com gerúndio em inglês, por estudantes de nível intermediário e adiantado.

10. Eliana Miranda Steiner, PUCSP, 1978.

Título: O uso de alguns recursos endofóricos em português.

11. Mariângela Campion Branco, PUCSP, 1978.

Título: O particípio passado como pré-modificador em inglês

12. Maria Cecília Camargo Magalhães, PUCSP, 1980.

Título: O número de argumentos novos na compreensão, na recordação e no tempo de leitura.

13. Maria da Graça Vitória Gomes, PUCSP, 1981.

Título: Descrição sintática dos sintagmas nominais no discurso da área de serviço social

14. Maria Teonila F. A. Pinto, PUCSP, 1981.

Título: Critérios psicologicamente identificadores de SNs sujeitos em português

15. Beatriz Scavazza, PUCSP, 1981.

• • • • •

•

•

•

•

•

●

•

●

•

●

•

•

•

●

•

●

●

•

•

•

•

•

•

•

25. Leda Maria Szabo, PUCSP, 1986.

Título: Aquisição de padrões sintáticos em inglês correspondentes a estruturas iniciadas por verbo em português.

26. Mariza Griggoletto, PUCSP, 1987.

Título: O fator previsibilidade e seus efeitos sobre as estratégias de compreensão em leitura

27. Eliana Maria Nigro, PUCSP, 1989

Título: Rupturas na fala da criança 'fluente' e da criança 'disfluente

28. Mariangela Bittar, PUCSP, 1989.

Título: Eficiência dos instrumentos de avaliação em leitura

3.2.2. Teses de doutorado

1. Maria Cecilia Peres Souza e Silva, PUCSP, 1981

Título da tese: Orações relativas: dificuldades na produção escrita.

2. Lais Furquim de Azevedo, PUCSP, 1985.

Título da tese: Deslizes lexicais em redações de universitários e pré-universitários.

3. Sumiko N. Ikeda, PUCSP, 1986

Título da tese: Fatores de produção que interferem na legibilidade de um texto em português

4. Samira Samara, PUCSP, 1987.

Título da tese: Fatores determinantes da distribuição do advérbio em português

5.Yara Conceição M. de Avila Duarte, PUCSP, 1987.

Título da tese: As construções passivas do português e do inglês: um estudo comparativo.

6.Kazuko Maeda, PUCSP, 1988.

Título da tese: O português do Brasil: uma evidência do contínuo tipológico.

O trabalho de orientação reflete as linhas de pesquisa do Programa de que fiz parte, essencialmente voltado para a Linguística Aplicada. O próprio conceito de Linguística Aplicada sofre modificações no interior do programa. Se, no início, o instrumento teórico centrava-se nas disciplinas nucleares da linguística (sintaxe, fonologia, léxico, morfologia e semântica) pouco a pouco a aplicação foi sendo mediada por disciplinas mais interdisciplinares como a psico-linguística e a sócio-linguística. Assim, entendia-se, no início que Linguística Aplicada seria a descrição sintática, morfológica, semântica e lexicológica de uma língua natural, ou de mais de uma língua natural comparativamente, que no Programa seriam o português e o inglês. Veja-se que, coerentemente, os trabalhos que orientei até 1978 são todos trabalhos de descrição sintática do português ou do inglês, ou ainda trabalhos de sintaxe contrastiva. No início da década de 80, porém, o foco muda para projetos de natureza mais psicolinguística, embora muitos conservem ainda algum vínculo com a sintaxe. Essa mudança reflete justamente a orientação do Programa como um todo, que passa a fazer uma Linguística Aplicada mais autônoma em relação à linguística

'stricto sensu', em uma postura muito próxima a dos teóricos da aquisição da linguagem, que procuram uma epistemologia independente da linguística gerativista, hoje hegemônica (3).

Nas teses de doutorado, que se iniciaram no fim da década de setenta, verifica-se o contrário: os primeiros são de caráter mais psicolinguístico e os últimos são de sintaxe, o que revela um retorno da orientadora ao seu interesse inicial e uma integração maior com a minha linha de pesquisa atual: a sintaxe em uma perspectiva de variação paramétrica.

3.3..Participação em bancas de mestrado e doutorado na PUC e em outras instituições

3.3.1.Doutorado

- 1.Sidney Camargo, FFLCH, USP, 1973
- 2.Ana Maria Marques Cintra, FFLCH, USP, 1973.
- 3.Maria Lúcia Santalla Braga, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1973.
- 4.Carlos Franchi, IEL, Unicamp, 1976.
- 5.Maria Cecília Pérez de Souza e Silva, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1981.
- 6.José alves Zanatta, FFLCH, USP, 1983.
7. Kanavillil Rajagopalan, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1984.
- 8.Lais Furquim de Azevedo, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1985.
- 9.Sumiko N. Ikeda, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1986.
- 10.Dirce Chiarara, Pós-graduação em Linguística, UNESP, Araraquara, 1986.
- 11.Rosa Attié Figueira, IEL, Unicamp, 1986.
- 12.Samira Samara, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1987.
- 13.Yara Conceição M. de Avila Duarte, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1987.
- 14.Kazuko Maeda, Setor de Pós-graduação, PUCSP, 1988.

15. Maria José Coracini, Setor de Pós-graduação da PUCSP, 1988.

3.3.2. Mestrado

No Programa de Linguística Aplicada da PUCSP:

1. Léa Gamarsky, 1974
2. Nadia Velinho Tondo, 1976.
3. Samira Samara, 1976.
4. Camila Augusta de Oliveira Dixo Lieff, 1977.
5. Maria Cristina da Cunha Pereira, 1977.
6. Sumiko N. Ikeda, 1977.
7. Heloisa Medeiros, 1978.
8. Laís Furquim de Azevedo, 1978.
9. Sandra Madureira Fontes, 1978.
10. Paulina A. Rocca, 1978.
11. Marlei Silva, 1978.
12. Irene Wade, 1978.
13. Victor Huser, 1978.
14. Elsa Massae Sato, 1978.
15. Eliana Miranda Steiner, 1978.
16. Mariângela Campion Branco, 1978.
17. Regina Freire, 1980.
18. Maria Cecília Camargo Magalhães, 1980.
19. Maria da Graça Vitória Gomes, 1981.
20. Maria Teonila F. A. Pinto, 1981.
21. Beatriz Scavazza, 1981.
22. Roxane Rodrigues Rojo, 1981.
23. Rosalie Gallo Y Sanches, 1981.
24. Selene Couto Correa, 1982.
25. Ana Silvia N. Martins, 1983.
26. Marília dos Santos Lima, 1983.
27. Ana Paula Machado Goyano, 1984.
28. Célia Assunção Figueiredo, 1984.
29. Roberto castanheira Pedrosa, 1984.
30. Vicente Cruz cerqueira, 1984.
31. Jacy Perissinoto T. martins, 1984.
32. Telma Nunes Gimenes, 1984.
33. José Contini Jr, 1985.
34. Gilma Limongi Batista, 1985.
35. Ruth Bork, 1985.
36. Noriko Arai, 1986.
37. Leda Maria Szabo, 1986.
38. John Milton, 1986.
39. Vera Cristina Queiroz, 1986.
40. Arlette Saddi Chaves, 1987.
41. Mariza Griggoletto, 1987.
42. Maria Aparecida Garcia Lopes, 1987.
43. Eliana Valdez, 1987.
44. Cristina Carneiro, 1988.
45. Helen Hope, 1988.

Outras Instituições e Programas:

1. Eugenio Estevan Batista, Pós-graduação em Letras, PUC, Campinas, 1981.
2. Rosa maria Assis Veado, Pós-graduação em Letras, UFMG, 1982.
3. Maria Elizabeth Fonseca Saraiva, Pós-graduação em Letras, UFMG, 1982.
4. Maria Sueli de Oliveira Pires, Pós-graduação em Letras, UFMG, 1982.
5. Sumie Iha, IEL, Unicamp, 1982.
6. Ione Maria de Oliveira Valadares, Pós-graduação em Letras, UFG, 1982.
7. Florinda de Fátima Marques, Pós-graduação em Letras, UFPr, 1982.
8. Ana Luiza Marcondes Garcia, IEL, Unicamp, 1984.
9. Maria Luiza de França Paszkiewicz, Pós-graduação em Letras,, UFPr, 1985
10. Marilene Valério Diniz, Mestrado em Letras, UFMG, 1987.
11. Maria Vitória Rebori, IEL, Unicamp, 1988.
12. Laila M.K. Vanetti. IEL, Unicamp, 1988.
13. Rosana de Andrade, IEL, Unicamp, 1988.
14. Maura R. F. de Freitas, IEL, Unicamp, 1988.
15. Regina Célia Moraes Whitaker, 1989.

3.4.Participação em bancas de concurso

1. Concurso para Ingresso na Carreira Docente, Departamento de Linguística, PUCSP, 1981.
2. Concurso para Promoção para o Cargo de Assistente-Doutor, Departamento de Inglês, PUCSP, 1983.
3. Concurso para Promoção para o Cargo de Titular, Departamento de Português, PUCSP, 1983.
4. Concurso de Ingresso na carreira Docente, Departamento de Linguística, PUCSP. 1985.
5. Concurso para Promoção para o Cargo de Titular, Departamento de Português, 1985.
6. Concurso para promoção para o Cargo de Professor Associado, Departamento de Inglês, PUCSP, 1986.
7. Concurso para Promoção para o cargo de Assistente-Doutor, Departamento de Linguística, PUCSP, 1986.
8. Concurso para Promoção a Professor Titular, Departamento de Antropologia, Museu Nacional, 1988.
9. Concurso para Promoção a Assistente-Doutor, Departamento de Português, PUCSP, 1988.

3.5.Conferências proferidas sobre temas sintáticos

Como boa parte das conferências foram posteriormente convertidas em artigos, restringir-me-ei apenas a alistar aqui as que não foram publicadas :

1. Teoria Gerativa, proferida no XIV Seminário do GEL, Faculdade de Letras de Araraquara, 1975.
2. Teorias linguísticas a partir de Chomsky, proferida no ICHL da UFG, 1981.
3. Modelos de descrição gramatical de verbos, Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP, Araraquara, 1983.
4. Aspectos discursivos da gramática do português e do japonês, II Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, USP, 1986.
5. A ordem das palavras, no Português, dentro de uma perspectiva paramétrica, Curso de Pós-graduação em Língua Portuguesa, FFLCH, USP, 1987.

3.6. Participação em Mesas Redondas e Grupos de Trabalho sobre temas sintáticos

1. Debatedora na mesa redonda sobre o tema 'A Semântica como Análise Sêmica', XIII Seminário do GEL, Campinas, 1975.
2. Comunicadora na mesa redonda sobre 'Relações entre os componentes sintáticos e semânticos das línguas naturais', 30a Reunião Anual da SBPC.
3. Debatedora na mesa-redonda sobre o tema 'A natureza do verbo e sua descrição em língua portuguesa', no XIX Seminário do GEL, Mogi das Cruzes, 1978.
4. Debatedora no Grupo de Trabalho sobre Relações Anafóricas, no XX Seminário do GEL, Bauru, 1978.
5. Comunicação na Mesa-redonda 'O Ensino da Gramática em Nível Universitário', 2o ENPULI, Belo Horizonte, 1980.
6. Coordenadora e comunicadora no Grupo de Trabalho sobre 'Estratégias de Relativização', no XXI Seminário do GEL, USP, 1979.
7. Comunicadora na mesa redonda sobre o tema 'Sintaxe, Semântica e Pragmática ou Pragmática, Semântica e Sintaxe, no XXV Seminário do GEL, PUCCAMP, 1982.
8. Debatedora dos trabalhos apresentados no Encontro de Sintaxe e Teoria da Gramática, IEL, Unicamp, 1983.
9. Coordenadora e comunicadora na mesa-redonda 'Language description: structural and functional aspects of first and second language learning', VII ENPULI, Fortaleza, 1985.
10. Comunicadora na mesa redonda sobre o tema 'A gramática e o ensino de línguas estrangeiras', no Encontro sobre Pós-graduação e o Ensino de Línguas Estrangeiras, USP, 1986.
11. Participante como coordenadora de sub-grupo de trabalho no I Seminário do Projeto Gramática do Português Falado, coordenado por Ataliba de Castilho, Aguas de São Pedro, 1988.

12. Participante como coordenadora de sub-grupo de trabalho do II Seminário do Projeto da Gramática do Português Falado, coordenado por Ataliba de Castilho,

3.7. Assessorias e comissões

1. Comissão de currículo, DAU-MEC, 1978.
2. Comissões de Avaliação de Programas, CAPES, desde 1977.
3. Comissão de seleção de bolsistas do exterior CAPES, CNPQ, Fulbright, desde 1981.
4. Presidência da Comissão de Letras e Linguística da CAPES no biênio 1985/1986.
5. Consultor "ad hoc" da FAPESP, desde 1980.
6. Consultor "ad hoc" da FAPERJ. (comprovante não incluído por não ter nenhum documento que não quebre sigilo)
7. Comissão de Estudo da Cultura Japonesa e nipo-brasileira da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa., desde 1980.
8. Comissão de seleção de trabalhos do III Encontro Nacional de Linguística, PUCRJ, 1983.
9. Comissão de seleção dos trabalhos de linguística da SBPC de 1978.
10. Sub-Comissão da 'International Reading Association' para a América Latina, desde 1987.
11. Consultor cadastrado no CEDATE para assessorar o Núcleo de Ensino de Língua Materna, da UFCE, desde 1986.
12. Assessor do Núcleo de Alfabetização do Departamento de Psicologia da USP, dirigido por Maria Amélia Goldberg.
13. Consultor sobre 'tenureship' para a Universidade de Carnegie Mellon, 1987.

Embora o tipo de trabalho de assessoria sobrecarregue o assessor, roubando-lhe, muitas vezes, horas preciosas de sua pesquisa, a visão que ele dá do estado da ciência no Brasil e das diferentes características dos vários centros possibilita aquilatar o próprio trabalho e a estabelecer contactos preciosos com cientistas de outras regiões e até de outras áreas. É também um trabalho gratificante quando sentimos que um centro dependeu, em seu desenvolvimento, das assessorias ocasionais que lhe demos e quando vemos algum elemento desse centro projetar-se a nível nacional.

3.8. Trabalhos de editoria

- 
1. Editor (fundador) responsável da Revista D.E.L.T.A., órgão oficial da ABRALIN, desde 1985.
 2. Comissão executiva da revista D.E.L.T.A., desde 1985.
 3. Membro do Conselho Editorial da Revista da Educação da USP, desde 1987.
 4. Membro do Conselho Editorial da Revista the Specialist, desde 1986.

As mesmas observações feitas sobre o trabalho de assessoria são válidas aqui. O trabalho de editoria da Revista DE.L.T.A, em particular, tem sido extenuante, mas tive a alegria de publicar o primeiro número do V volume, fato notável quando se leva em conta a curta vida de nossos periódicos. Mas é também um sinal do amadurecimento da área, pois a seleção tem sido rigorosa e nem por isso deixamos de receber contribuições.

3.9. Atividades Administrativas

1. Chefe do Departamento de Linguística ,PUCSP, 1987/88, em substituição à chefe titular Leila Barbara.
2. Membro do Conselho do Centro de Ciências Humanas, como representante docente da Faculdade de comunicação e Filosofia PUCSP, 1977/78.
3. Membro do Conselho Departamental da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUCSP , 1975/1976.
4. Vice-diretora da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUCSP, 1981-1985.

5. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUCSP, de 1 de agosto de 1985 a 1 de agosto de 1988.

6. Coordenadora do Instituto de Linguística Aplicada/1988, realizado na PUCSP, sob os auspícios da Fulbright, Conselho Britânico, DAAD, Governo Francês, Associação Universitária de Cultura Judaica, FAPESP, CAPES, CNPQ e Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da PUCSP.

São as atividades administrativas aquelas para as quais tenho menos inclinação e qualidades e admiro e respeito as pessoas que sacrificam muito de seu trabalho pessoal para manter a engrenagem institucional funcionando. Apesar disso, como éramos poucos, precisei exercer algumas funções administrativas e, se não fui muito eficiente, pelo menos procurei racionalizar um pouco meu trabalho e de meus subordinados para evitar emperrar burocraticamente os processos que me calam nas mãos. Uma atividade que me foi gratificante, embora trabalhosa, foi a coordenação do Instituto de linguística Aplicada/88, pelos frutos que rendeu.

Vim para a Unicamp com a esperança de poder dedicar, egoisticamente, esta fatia final de minha carreira a escrever os trabalhos desde sempre planejados e a continuar formando pesquisadores. Espero não seja mero 'wishful thinking'.

4. Produção Científica

Como se pode depreender da minha formação acadêmica, minha primeira vocação foi a linguística teórica e a minha primeira concepção de

linguística aplicada estaria na fronteira do teórico, pois seu objeto seria a descrição de línguas particulares. O objetivo mais pedagógico que o Programa de Linguística Aplicada exigia levou-me, pelo menos em termos de orientação de teses e dissertações, a procurar fazer projeções sobre possíveis aplicações. No esforço de ir ao encontro da expectativa dos alunos do Programa, que era a de obter algum subsídio para a educação, acabei envolvendo-me cada vez mais com a fundamentação teórica da própria linguística aplicada, encontrando-a na psicolinguística. Hoje vejo que seria natural que isso acontecesse, pois teorias sobre estratégias de percepção linguística, que nasceram como um subproduto da teoria gerativa, são um lugar tão bom quanto outro para começar o estudo da compreensão em leitura. Sinto também que minha formação mais teórica e meu treinamento em sintaxe e semântica por tantos anos permitiram-me dar maior rigor na conceituação e argumentação, ao mesmo tempo em que a psicolinguística me ajudou com a parte metodológica.

Uma vez que minhas contribuições para a linguística aplicada encontram suas bases na linguística formal, decidi incluir aqui, no rol da minha produção, uma boa parte dos meus trabalhos aplicados, que só aparentemente nada têm a ver com a sintaxe. Excluí apenas os que lidam mais com questões gerais curriculares e educacionais.

Os trabalhos que aparecem como obras de semântica vinculam-se também à sintaxe, pois não tratam dos fenômenos semânticos de forma independente da sintaxe, e hoje seriam tratados como problemas na Forma Lógica ou como parte da teoria dos papéis temáticos.

Inclui ainda as séries técnico-didáticas porque elas revelam que já tive a ousadia de fazer propostas concretas sobre ensino da gramática no primeiro e segundo grau, para língua materna e estrangeira.

Minha produção total inclui um total de 54 itens, compreendendo: 3 livros, duas coletâneas, 47 artigos e duas séries didáticas, mas, na discussão exclui alguns trabalhos secundários que não se encaixavam nos grupos de obras analisadas. .

4.1. Gramática

Vão alistados aqui os trabalhos de sintaxe e semântica .

Livro:

1. A Semântica Gerativa e o Artigo Definido , Editora Atica, 1974
2. (organização e apresentação) Estudos de Semântica Aplicada ao Ensino do Português (Boletim do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Ano I, no 1, UNESP, Araraquara, 1985.

Artigos:

1. A proposal concerning the deep structure representation of appositive and restrictive relative clauses, Edinburgh Working Papers in Linguistics, 4, Edinburgh, 1974:71-81.
2. Transitividade verbal e decomposição lexical, Revista Brasileira de Linguística, 3, 1: 3-21.
3. A elisão do pronome sujeito em português e a hipótese do discurso direto de Kuno, Atas do I Encontro Nacional de Linguística , PUC, Rio de Janeiro, 1976.
4. Resposta à recensão sobre A Semântica Gerativa e o Artigo Definido, Letras de Hoje, 26:106-115, 1976.
5. Restrições à regra de omissão do pronome sujeito em português. Atas do II Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, 1977.

6. Constraints on relative clause reduction in Portuguese, Georgetown University Papers on Languages and Linguistics, 14:121-50, 1978.

7. Um critério sintagmático para determinar subordinação. Boletim de Filologia, XXVI : 13-27, 1980/81.

8. Deletion in Coordinate Structures in Portuguese, -Proceedings of the XI Linguistic Symposium on Romance Languages. Georgetown University Press, 1981.

9. Sujeito opcional nas regras de base do português e suas consequências na estrutura superficial. Anais do V Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, 1981.

10. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. Estudos Linguísticos V:1-16. (Anais do Seminário do GEL, Ribeirão Preto), 1981.

11. Pronouns and coreference in Portuguese and English. Studi Italiani di Linguistica Teorica ed Applicata (SILTA), Ano X, 2: 255-67, 1980.

12. Restrições à regra da elipse verbal. Ensaios de Linguística 5:93-101. 1981.

13. A systematic typological contrast between English and Portuguese. Papers and Studies in Contrastive Linguistics XXVI : 5-15. 1983.

14. A determinação da força elocucionária de construções com performativos no negativo: Réplica a Rajagopalan, Série Estudos 9:39-45, 1983.

15. Verb-initial constructions in Portuguese and their counterpart constructions in English. Papers and Studies in Contrastive Linguistics, 18:71-79, 1984

16. O significado de andar e o problema da inserção numa gramática gerativa. In: Kato (org) (1985): 42-57.

17. A complementariedade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini (1985). D.E.L.T.A. 1, (1/2): 107-120, 1985.

18. (em colab. com F. Tarallo) Anything YOU can do in Brazilian Portuguese IN: O. Jaeggli e C. Silva-Corvalán (orgs) Studies in Romance Linguistics, Foris, 1986.

19. Inversão da ordem SV em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística. D.E.L.T.A. 3, 2: 243-252. 1987

20. A teoria da adjacência do caso e a posição entre o sujeito e o elemento portador de flexão em português. Estudos Linguísticos, XV (Anais do Seminário do GEL): 213-221, 1987.

21. Uma taxonomia de similaridades e contrastes entre línguas. In: H. Bohn e P. Vandresen (orgs) Tópicos de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Editora da Universidade de Santa Catarina, 1988.

Artigos no prelo:

22. (em colaboração com F. Tarallo) Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra-linguística. Predição, Campinas: Unicamp.

23. A sequência Adj + Nome em português e o princípio da harmonia transcategorial. Letras e Letras,, Uberlândia.

24. As categorias Sujeito e Tópico em sintaxe. Cadernos Linguísticos Campinas: UNICAMP..

25. (em colaboração com F. Tarallo et alii) Rupturas na ordem canônica no português falado no Brasil. Publicação do Projeto NURC. 1988.

26. (em colaboração com Fernando Tarallo) Restrictive VS Syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Proceedings of the 39th Georgetown Round Table in Languages and Linguistics. Washington DC, 1988.

Resenhas:

1. Resenha sobre A Gramática Gerativa, de M.A. Perini, Ed. Vigília, Revista Brasileira de Linguística, 4,1: 90-97. 1977.

2. O modelo léxico-funcional de Bresnan e Kaplan: um novo caminho para a sintaxe? Série Estudos 10:41-57, 1984.

Comunicações não publicadas

1. (em colaboração com F. Tarallo) Sim: respondendo afirmativamente em português. Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de Linguística, PUCRJ, 1984.

2. (em colaboração com Milton do Nascimento) Predicação primária e predicação secundária: uma reinterpretação da ordem V SN. Comunicação apresentada no Grupo de Trabalho de Descrição do Português (sub-grupo: referências teóricas), II Encontro da ANPOLL, 1987.

Os trabalhos alistados sob 4.2. mostram minha trajetória por diferentes modelos de sintaxe. Começando pela sintaxe na linha da Semântica Gerativa, que marca o livro (1) e (2) e os artigos (1), (2), (3), (4), (5), (6), (7), (11) e (12), tenho a seguir, trabalhos

nitidamente voltados para trabalhos de sintaxe tipológica (10), (13) (15), (19), (21) e (23) e comunicação (3), sejam na linha relacional, sejam na linha paramétrica, aquela com explanações funcionalistas e esta com explicações estritamente formais. Os trabalhos de número (19), (20) e (24) mostram já uma abordagem estritamente formalista, dentro da perspectiva da teoria da regência e vinculação. A resenha (2) mostra ainda o interesse pela linha léxico-funcional de Bresnan. Alguns trabalham já em uma visão integrada de variação inter e intra linguística : são os trabalhos escritos em colaboração com F.Tarallo, com quem partilho a posição de que é possível trabalhar inter e intralinguisticamente com hipóteses paralelas; de que a visão idealizada do linguista de gabinete pode ser enriquecida com os dados colhidos e organizados pelos variacionistas , ao mesmo tempo em que a própria coleta e organização do variacionista podem ser feitas a partir de hipótese fortes de um gerativista.

Quanto aos temas privilegiados, parecem ser vários mas são quase todos interligados por envolverem problemas de quantificadores e de co-referência. O problema da ordem , aparentemente dissociado desse assunto , tem, na verdade, tudo a ver. Minha tese hoje é de que há dois tipos de fenômeno quando a ordem não é a canônica. Um elemento pode estar numa ordem não-canônica quando se encontra em uma posição não-argumental, vinculada porém a uma posição argumental, uma variável , que se manifesta como categoria vazia ou um pronome resumptivo. Quando a variável é um pronome resumptivo vazio , a aparência é de uma inversão de ordem. Logo, a co-referência através do uso de um pronome ou de uma categoria vazia tornam o problema do sistema pronominal e a ordem um macro-tópico na sintaxe. A mudança em um sistema terá

necessariamente consequências no outro. O trabalho que coloca mais explicitamente essa tese nasceu em um projeto sobre Ordem dos Constituintes, que venho desenvolvendo há três anos mas, por questões da amplitude desse projeto a tese aparece antes em Kato e Tarallo (1987) e Kato e Tarallo (1988). Dentro dessa tese cabe uma descrição e explicação uniformes para topicalização, deslocamento para a direita, relativização, possessivização e inversão em mini-cláusulas. onde o pronome e a variável zero aparecem distribuídos nas mesmas posições. e provavelmente com as mesmas probabilidades em relação a cada contexto. O projeto está em sua fase final de redação e seria a minha tese de titulação se o regime na Unicamp fosse o de tese.

4.2. Psicolinguística

Livros:

1. O Aprendizado da Leitura, Editora Martins Fontes, 1985.
2. No Mundo da Escrita, Editora Ática (Série Fundamentos), 1986.
3. (organização e apresentação) A Concepção da Escrita pela Criança, Campinas: Pontes Editores.

Artigos publicados:

1. Reconhecimento instantâneo e processamento. Série Estudos 8: 8-17. 1982. Republicado em Kato (1985)
2. Estratégias em interpretação de sentenças e compreensão de textos, Cadernos PUC, 16: 8-17, 1983. Republicado em Kato (1985).
3. Individual differences in the production of reduced coordinated structures by children. Resumo publicado no Handbook do LSA Summer Meeting: p.9, 1982.
4. Processos de decodificação: a integração do velho com o novo em leitura. Anais do I Encontro Nacional de Redação: 33-42, PUCSP, 1983. Republicado em Kato (1985)

5. Estratégias gramaticais e lexicais na leitura em língua estrangeira. Cadernos PUC 17: Ensino de Línguas: 132-141, 1984.

6. Leitor: de analisador a reconstrutor. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mario de Andrade, 144 (1/2): 33-42, 1983. Republicado em Kato (1985)

7. Developing strategies to segment the written text. AILA/Brussels Proceedings 1984.

8. Estratégias cognitivas e meta-cognitivas e aquisição de leitura. Anais do I Encontro Interdisciplinar de Leitura: 102-145. Londrina, 1985. Republicado em Kato (1985).

9. Uma visão interativa da legibilidade. Ilha do Desterro, 13: 57-66, 1985.

10. A linguística e a aprendizagem da escrita. CADERNOS CEVEC, 4: Leitura: e Escrita : 25-30, 1988.

11. Como a criança aprende a ler: uma questão platônica. In: R. Zilberman e E. T. da Silva (orgs) Leitura: Perspectivas Interdisciplinares, Editora Ática (Série Fundamentos).

12. Em busca da coesão e da coerência na escrita infantil. In: Kato (org) (1988).

13. (em colab. com B. Scavazza) A produção de estruturas coordenadas reduzidas por crianças na linguagem oral e escrita. In: Kato (org.) (1988).

14. Aprendendo a redigir e a pensar. Anais do III Seminário Interdisciplinar de Ensino de Línguas e Literaturas PUCRS, Porto Alegre, 1987. Versão final publicada em Cadernos Linguísticos, 14: 27-38. 1988.

Artigos no prelo

15. A conceitualização gramatical na história, na aquisição e na escola. Anais do I Congresso Nacional de Linguística Aplicada., 1987. IEL-Unicamp.

Os livros de número 1 e 3 tratam essencialmente da aprendizagem da linguagem escrita, vista sob uma ótica comparativa com a aquisição da língua oral. Nesse sentido, colocam-se em confronto os pressupostos das diversas teorias linguísticas, principalmente aquelas que tem algo a dizer sobre os processos de compreensão e produção. O livro de

número 1 , em particular, dá também uma perspectiva comparativa do desenvolvimento filogenético e ontogenético da aquisição da escrita. O artigo no prelo, que trata da conceituação gramatical na criança também aborda o tema nessa perspectiva comparativa.

Os trabalhos de números 1,2,4,5 , 6,8 e 9 são sobre leitura e, com exceção de 3,5 e 9, foram republicados em Kato (1985). Em todos eles tive a preocupação de especular sobre a interação entre a forma e o significado, o significado sentencial e o textual, o tipo de unidade linguística armazenada na memória de longo, médio e curto termo, a reconstrução das intenções do autor com base no princípio do cooperativismo e das pistas linguísticas. A forma foi sempre vista como determinante para dizer o que o texto não diz , mas como contribuindo pouco para o que ele efetivamente significa para o leitor. Essa intuição forte sobre o papel da forma linguística, isto é , a sintaxe do texto, advém da postulação na sintaxe gerativa sobre a interpretação dos pronomes na sentença. Como sabemos, um dos princípios da teoria da vinculação diz que o pronome deve ser livre em sua categoria de regência (na unidade clausal em que se encontra). A teoria da vinculação nada diz sobre os possíveis antecedentes desse pronome fora da cláusula. O que proponho em meus trabalhos sobre leitura é uma teoria do significado que é uma mera extensão desse princípio. Se numa sentença encontramos um pronome, sabemos primeiro que seu antecedente não está naquela cláusula, mas pode estar em uma sentença superordenada. Se não houver nenhum antecedente plausível, o leitor deverá procurar seu antecedente fora do período. Se não encontrá-lo fora do período, poderá relacioná-lo com um co-texto, e

assim por diante. A forma textual pode pois deixar muita variável livre, e permite dizer quando uma interpretação não é possível.

Há, portanto uma coerência muito grande entre o que faço em sintaxe e o que faço em leitura. Sou antes de tudo uma formalista, mas não excluo a interação de fatores extra-sintáticos. Para isso, porém, é preciso que a forma deixe variáveis livres, isto é, indique o que pode receber uma livre interpretação. A interpretação é livre, no caso, apenas do ponto de vista formal-sintático, pois outros níveis funcionais poderão atribuir uma referência a esse pronome.

Há ainda, nesse grupo de trabalhos, um pequeno conjunto de trabalhos voltados para a redação infantil: 7, 10, 12, 13 e 14.. Esses trabalhos foram motivados pelas redações de minha filha caçula, as quais formam um corpus longitudinal privilegiado: 85 redações escritas no primário, sendo que as de 1o ano são totalmente livres. Na análise desse material é inequívoco o trabalho de um sintaticista, mas há também momentos de reflexão mais filosóficos, sobre o desenvolvimento cognitivo da criança através da narrativa e da escrita. Há ainda muito material para ser explorado e tenho, no momento, um texto em fase final de preparação, no qual discuto o desenvolvimento dentro do gênero narrativo.

4.3. Diversos

Embora fuja da área da gramática há dois artigos que têm uma grande pertinência para as reflexões que fiz sobre meus antecedentes linguísticos. São trabalhos que fiz em colaboração com Leila Barbara sobre os aspectos do bilinguismo na colônia japonesa em São Paulo.

Ainda em Diversos eu gostaria de incluir um artigo que trata da relação entre gramáticas teóricas e gramáticas pedagógicas pela relação que ele tem com minha produção técnico-didática alistada a seguir.

- 1.Aspectos do bilinguismo na colônia japonesa. Ciência e Cultura:Simpósio I :101-09, 1978.
- 2.Fatores intervenientes na proficiência linguística oral dos descendentes de japoneses radicados na cidade de São Paulo, Série Estudos 8 : 79-91, 1982.
- 3.Linguística Aplicada: a influência da gramática teórica nos produtos pedagógicos. . Anais do II Encontro Nacional de Linguística (conferências), PUCRJ, 1977.

4.4. Produção técnico-didática na área de ensino da gramática

1. Linguagem: Criatividade , série didática (5a a 8a) em colaboração com S.C. Meserani. Ed. Saraiva, 1978 e 1979.
- 2.Súmula da Gramática Inglesa. In Get Ahead I e II de M.A.A. Celani, Longman, Londres, 1979,1980.

Nos dois casos acima, minha participação nas séries foi explicitamente elaborar a parte relativa à gramática. Na primeira série , consistiu da elaboração de atividades práticas de ensino de gramática e na segunda uma mini-gramática do inglês que subsidiasse a leitura. Foram trabalhos desafiantes em que tive que trabalhar não só com uma teoria implícita da aprendizagem, como com uma gramática que fizesse sentido também em nível textual, uma vez que a motivação estava na capacitação para a leitura e produção de textos.

CONCLUSÕES

Procurando prognosticar o rumo de meus interesses e especulações, vejo dois caminhos que são, na verdade, convergentes: a) o da descrição translinguística, cuja motivação está na minha aquisição bilingue, mas objetivando, em termos científicos, uma melhor compreensão da língua portuguesa, isto é, seu lugar no universo das línguas naturais e b) o



da psicolinguística, mas desta vez direcionada para a aquisição de primeira e segunda línguas, seguindo de perto os pressupostos do modelo paramétrico, na sintaxe gerativista. Embora não estejam em meus planos, a curto prazo, projetos em linguística aplicada, em um país de iletrados, não poderei deixar de atender aos apelos da comunidade de prestar serviços na área da educação. O projeto longitudinal sobre o desenvolvimento da capacidade redacional provavelmente acabará sendo levado a termo a partir dessas solicitações.

Mas será certamente como 'gramático' que minha carreira acadêmica e científica irá se encerrar.



LOCALIZAÇÃO DOS DOCUMENTOS

PASTA 1 : Diplomas e certificados

No	Descrição
V.1.1	Certificado de Proficiência em Inglês(Cambridge)
V.1.2	Certificado e histórico de graduação em Letras,USP
V.1.3	Diploma de graduação em Letras Anglo-Germânicas,USP
V.1.4	Certificado e histórico de Especialização em Letras,USP
V.1.5	Certificado do curso General Descriptive Linguistics- Phonology, UCBEU
V.1.6	Certificado dos cursos no III Instituto Interamericano de Linguística,USP
V.1.7	Certificado e histórico da Pós-graduação em Letras,USP
V.1.8	Atestado de Mestrado em Letras,USP
V.1.9	Certificado do curso Modelos de Descrição Linguística,PUCSP
V.1.10	Certificado do curso Sintaxe do Inglês,PUCSP
V.1.11	Certificado do curso Projetos de Pesquisa Linguística,PUCSP
V.1.12	Certificado do curso Lógica do Conhecimento Científico,PUCSP
V.1.13	Diploma de Doutor em Letras,PUCSP
	Atestados de cursos no Instituto da LSA, U. Massachusetts:
V.2.1	Grammatical Relations in Syntactic Theory
V.2.2	Montague's Theory of Language
V.2.3	Functionalism in Grammar
	Atestados de cursos no Instituto da LSA, U. Havaí
V.2.4	Lexical Semantics
V.2.5	Lexicase
V.2.6	Pragmatics
V.2.7	Development of Child Discourse
	Atestados de cursos no Instituto da LSA, U. Salzburg:
V.2.8	Pronominalization
V.2.9	Trace-theory
V.2.10	X-bar theory
V.2.11	Atestado de participação no Instituto da LSA, U.Maryland
V.2.12	Atestado de participação no Instituto da LSA, Graduate School (City U, of New York)
V.2.13	Atestado de 'visiting scholar' do Conselho Britânico
	Atestados de concessão de bolsa de pós-doutorado no exterior:
V.2.14	Carta da CIES- Fulbright
V.2.15	Carta da CAPES
	Comprovante de atividades no magistério com vínculo empregatício
V.3.1	Comprovantes de atividades não-universitárias
V.3.2	Comprovantes de atividades na PUCSP de 1970 a 1978
V.3.3	Comprovantes de atividades na PUCSP de 1979 a 1988
V.3.4	Comprovantes de atividades na Unicamp
	Comprovantes de cursos dados como professor visitante na área da sintaxe:
V.4.1	Sintaxe, Pós-graduação, UNICAMP, 1972

- V.4.2 Verbos auxiliares, Pós-graduação, PUC-CAMP, 1976
- V.4.3 Gramáticas teóricas e pedagógicas, Extensão, PUC-RJ, 1977
- V.4.4 Seminário de Sintaxe Inglesa, Pós-graduação, UFMG, 1979.
- V.4.5 Sintaxe da Língua Portuguesa, Extensão, Projeto Rondon, 1980
- V.4.6 Sintaxe Gerativa, Especialização, UNESP-Araraquara, 1982
- V.4.7 Linguística Aplicada: Avaliação de Maturidade Sintática. Pós-graduação, PILEI, UNICAMP, 1982

- V.5 Comprovantes de orientação de teses e dissertações na PUCSP

- V.6.1 Comprovante de participação em bancas de doutorado e de mestrado na PUCSP

- V.6.2 Comprovante de participação em bancas de doutorado e de mestrado na Unicamp

- Comprovantes de participação em bancas de mestrado e doutorado de outras instituições:

- V.6.3 Sidney Camargo, doutorado, FFLCH, USP, 1973
- V.6.4 Ana Maria Marques Cintra, doutorado, FFLCH, USP, 1973.
- V.6.5 Maria Lúcia Santalla Braga, doutorado, PUCSP-Semiótica, 1973.
- V.6.6 Carlos Franchi, doutorado, IEL, Unicamp, 1976.
- V.6.7 José Alves Zanatta, doutorado, FFLCH, USP, 1983.
- V.6.8 Dirce Chiarara, doutorado, UNESP, Araraquara, 1986.
- V.6.9 Eugenio Estevan Batista, mestrado, PUC, Campinas, 1981
- V.6.10 Rosa Maria Assis Veado, mestrado, UFMG, 1982.
- V.6.11 Maria Elizabeth Fonseca Saraiva, mestrado, UFMG, 1979.
- V.6.12 Maria Sueli de Oliveira Pires, mestrado, UFMG, 1982.
- V.6.13 Sumie Iha, mestrado, IEL, Unicamp, 1982.
- V.6.14 Ione Maria de Oliveira Valadares, mestrado, UFG, 1982.
- V.6.15 Florinda de Fátima Marques, mestrado, UFPr, 1982.
- V.6.16 Ana Luiza Marcondes Garcia, mestrado, IEL, Unicamp, 1984.
- V.6.17 Maria Luiza de França Paszkiewicz, mestrado, UFPr, 1985
- V.6.18 Marilene Valério Diniz, mestrado, UFMG, 1987.

- Participação em bancas de concurso de ingresso e promoção docente

- V.7.1 Ingresso, Departamento de Linguística, PUCSP, 1981.
- V.7.2 Promoção para o Cargo de Assistente-Doutor, Departamento de Inglês, PUCSP, 1983.
- V.7.3 Promoção para o Cargo de Titular, Departamento de Português, PUCSP, 1983.
- V.7.4 Ingresso na carreira Docente, Departamento de Linguística, PUCSP, 1985
- V.7.5 Promoção para o Cargo de Titular, Departamento de Português, PUCSP, 1985
- V.7.6 Promoção para o Cargo de Professor Associado, Departamento de Inglês, PUCSP, 1985.
- V.7.7 Promoção para o cargo de Assistente-Doutor, Departamento de Linguística, PUCSP, 1986.
- V.7.8 Promoção a Professor Titular, Departamento de Antropologia,

Museu Nacional, 1988.

- V.7.9 Promoção a Assistente-Doutor, Departamento de Português, PUCSP 1988.

Comproventes de conferências proferidas sobre temas sintáticos não publicadas:

- V.8.1 Teoria Gerativa, XIV Seminário do GEL, Araraquara, 1975.
V.8.2 Teorias linguísticas a partir de Chomsky, UFG, 1981.
V.8.3 Modelos de descrição gramatical de verbos, Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, UNESP, Araraquara, 1983.
V.8.4 Aspectos discursivos da gramática do português e do japonês, II Congresso Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, USP, 1986.
V.8.5 A ordem das palavras, no Português, dentro de uma perspectiva paramétrica, Curso de Pós-graduação em Língua Portuguesa, FFLCH, USP, 1987.

Comproventes de participação em Mesas Redondas e Grupos de Trabalho sobre temas sintáticos

- V.9.1 Debatedora na mesa redonda sobre o tema 'A Semântica como Análise Sêmica', XIII Seminário do GEL, Campinas, 1975.
V.9.2 Comunicadora na mesa redonda sobre 'Relações entre os componentes sintáticos e semânticos das línguas naturais', 30a Reunião Anual da SBPC.
V.9.3 Debatedora na mesa-redonda sobre o tema 'A natureza do verbo e sua descrição em língua portuguesa', no XIX Seminário do GEL, Mogi das Cruzes, 1978.
V.9.4 Debatedora no Grupo de Trabalho sobre Relações Anafóricas, no XX Seminário do GEL, Bauru, 1978.
V.9.5 Comunicação na Mesa-redonda 'O Ensino da Gramática em Nível Universitário', 2o ENPULI, Belo Horizonte, 1980.
V.9.6 Coordenadora e comunicadora no Grupo de Trabalho sobre 'Estratégias de Relativização', no XXI Seminário do GEL, USP, 1979.
V.9.7 Comunicadora na mesa redonda sobre o tema 'Sintaxe, Semântica e Pragmática ou Pragmática, Semântica e Sintaxe, no XXV Seminário do GEL, PUCCAMP, 1982.
V.9.8 Debatedora dos trabalhos apresentados no Encontro de Sintaxe e Teoria da Gramática, IEL, Unicamp, 1983.
V.9.9 Coordenadora e comunicadora na mesa-redonda 'Language description: structural and functional aspects of first and second language learning', VII ENPULI, Fortaleza, 1985.
V.9.10 Comunicadora na mesa redonda sobre o tema 'A gramática e o ensino de línguas estrangeiras', no Encontro sobre Pós-graduação e o Ensino de Línguas Estrangeiras, USP, 1986.
V.9.11 Participante como coordenadora de sub-grupo de trabalho no I Seminário do Projeto Gramática do Português Falado, coordenado por Ataliba de Castilho, Aguas de São Pedro, 1988.
V.9.12 Participante como coordenadora de sub-grupo de trabalho do II Seminário do Projeto da Gramática do Português Falado, coordenado por Ataliba de Castilho,

Comprovantes de Assessorias e Comissões

- V.10.1 Comissão de currículo, BAU-MEC, 1978.2. Comissões de Avaliação de Programas, CAPES, desde 1977.
- V.10.2 Comissão de seleção de bolsistas do exterior CAPES, CNPQ, Fulbright, desde 1981.
- V.10.3 Comissão de visitas de avaliação, CAPES, 1981
- V.10.4 Comissão de visitas de avaliação, CAPES, 1983
- V.10.5 Presidência da Comissão de Letras e Linguística da CAPES no biênio 1985/1986.
- V.10.6 Comissão de avaliação bienal da CAPES, 1987.
- V.10.7 Consultor "ad hoc" da FAPESP, desde 1980.
- V.10.8 Consultor "ad hoc" da FAPERJ. (comprovante não incluído por não ter nenhum documento que não quebre sigilo)
- V.10.9 Comissão de Estudo da Cultura Japonesa e nipo-brasileira da Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, desde 1980.
- V.10.10 Comissão de seleção de trabalhos do III Encontro Nacional de Linguística, PUCRJ, 1983.
- V.10.11 Comissão de seleção dos trabalhos de linguística da SBPC de 1978.
- V.10.12 Sub-Comissão da International Reading Association para a América Latina, desde 1987.
- V.10.13 Consultor cadastrado no CEDATE para assessorar o Núcleo de Ensino de Língua Materna, da UFCE, desde 1986.
- V.10.14 Assessor do INEPE para coordenar o Seminário de Aprendizagem da Língua Materna.
- V.10.15 Consultor sobre 'tenureship' para a Universidade de Carnegie Mellon, 1987.

Comprovantes de trabalhos de editoria

- V.11.1 Editor responsável e membro da Comissão Executiva da Revista D.E.L.T.A.
- V.11.2 Membro do Conselho Editorial da Revista da Educação da USP, desde 1987.
- V.11.3 Membro do Conselho Editorial da Revista the Specialist, PUCSP, desde 1986.

Comprovantes de atividades administrativas

- V.12.1 Chefe do Departamento de Linguística, PUCSP, 1987/88, em substituição à chefe titular Leila Barbara.
- V.12.2 Membro do Conselho do Centro de Ciências Humanas, como representante docente da Faculdade de Comunicação e Filosofia PUCSP, 1977/78.
- V.12.3 Membro do Conselho Departamental da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUCSP, 1975/1976.
- V.12.4 Vice-diretora da Faculdade de Comunicação e Filosofia da PUCSP, 1981-1985.
- V.12.5 Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas da PUCSP, de 1 de agosto de 1985 a 1 de agosto de 1987 e de 1 de agosto de 1987 a 1 de agosto/1988.

- V.12.6 Coordenadora do Instituto de Linguística Aplicada/1988, realizado na PUCSP, sob os auspícios da Fulbright, Conselho Britânico, DAAD, Governo Francês, Associação Universitária de Cultura Judaica, FAPESP, CAPES, CNPQ e Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da PUCSP.

PASTA 2 PRODUÇÃO DOCENTE: Gramática - livros

- V.13.1 A Semântica Gerativa e o Artigo Definido, Editora Ática, 1974
- V.13.2 (organização e apresentação) Estudos de Semântica Aplicada ao Ensino do Português (Boletim do Curso de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Ano I, no 1, UNESP, Araraquara, 1985.

PASTA 3 PRODUÇÃO DOCENTE: Gramática: artigos

- V.14.1 A proposal concerning the deep structure representation of appositive and restrictive relative clauses, Edinburgh Working Papers in Linguistics, 4, Edinburgh, 1974:71-81.
- V.14.2 Transitividade verbal e decomposição lexical, Revista Brasileira de Linguística, 3, 1: 3-21.
- V.14.3 A elisão do pronome sujeito em português e a hipótese do discurso direto de Kuno, Atas do I Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, 1976.
- V.14.4 Resposta à recensão sobre A Semântica Gerativa e o Artigo Definido, Letras de Hoje, 26:106-115, 1976.
- V.14.5 Restrições à regra de omissão do pronome sujeito em português. Atas do II Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, 1977.
- V.14.6 Constraints on relative clause reduction in Portuguese, Georgetown University Papers on Languages and Linguistics, 14:121-50, 1978.
- V.14.7 Um critério sintagmático para determinar subordinação. Boletim de Filologia, XXVI : 13-27, 1980/81.
- V.14.8 Deletion in Coordinate Structures in Portuguese, Proceedings of the XI Linguistic Symposium on Romance Languages. Georgetown University Press, 1981.
- V.14.9 Sujeito opcional nas regras de base do português e suas consequências na estrutura superficial. Anais do V Encontro Nacional de Linguística, PUC, Rio de Janeiro, 1981.



V.14.10 Orações relativas: variação universal e variação individual no português. Estudos Linguísticos V:1-16. (Anais do Seminário do GEL, Ribeirão Preto), 1981.

V.14.11 Pronouns and coreference in Portuguese and English. Studi Italiani di Linguistica Teorica ed Applicata (SILTA), Ano X, 2: 255-67, 1980.

V.14.12 Restrições à regra da elipse verbal. Ensaios de Linguística 5:93-101. 1981.

V.14.13 A systematic typological contrast between English and Portuguese. Papers and Studies in Contrastive Linguistics XXVI : 5-15. 1983.

V.14.14 A determinação da força elocucionária de construções com performativos no negativo: Réplica a Rajagopalan, Série Estudos 9:39-45, 1983.

V.14.15 Verb-initial constructions in Portuguese and their counterpart constructions in English. Papers and Studies in Contrastive Linguistics, 18:71-79, 1984

V.14.16 A complementariedade dos possessivos e das construções geniti-vas no português coloquial: réplica a Perini (1985). D.E.L.T.A.1, (1/2):107-120, 1985.

V.14.17 (em colab. com F. Tarallo) Anything YOU can do in Brazilian Portuguese IN: O. Jaeggli e C. Silva-Corvalán (orgs) Studies in Romance Linguistics, Foris, 1986.

V.14.18 Inversão da ordem SV em interrogativas no português: uma questão sintática ou estilística. D.E.L.T.A.3, 2: 243-252. 1987

V.14.19 A teoria da adjacência do caso e a posição entre o sujeito e o elemento portador de flexão em português. Estudos Linguísticos, XV (Anais do Seminário do GEL): 213-221, 1987.

V.14.20 Uma taxonomia de similaridades e contrastes entre línguas. In: H. Bohn e P. Vandresen (orgs) Tópicos de Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas. Editora da Universidade de Santa Catarina, 1988.

PASTA 4 PRODUÇÃO DOCENTE: Gramática - artigos no prelo
- resenhas
- comunicações não publicadas

V.15.1 (em colaboração com F. Tarallo) Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intra-linguística. Predição, Campinas: Unicamp.

V.15.2 A sequência Adj + Nome em português e o princípio da harmonia transcategorial. Letras e Letras,, Uberlândia.

V.15.3 As categorias Sujeito e Tópico em sintaxe. Cadernos Linguísticos Campinas: UNICAMP..

V.15.4 (em colaboração com F.Tarallo et alii) Rupturas na ordem canônica no português falado no Brasil. Publicação do Projeto NURC.1988.

V.15.5 (em colaboração com Fernando Tarallo) Restrictive VS Syntax in Brazilian Portuguese: its correlation with invisible clitics and visible subjects. Proceedings of the 39th Georgetown Round Table in Languages and Linguistics. Washington DC, 1988.

V.15.6 Resenha sobre A Gramática Gerativa, de M.A. Perini, Ed. Vigília, Revista Brasileira de Linguística,4,1: 90-97.1977.

V.15.7 O modelo léxico-funcional de Bresnan e Kaplan: um novo caminho para a sintaxe? Série Estudos 10:41-57, 1984.

V.15.8 (em colaboração com F. Tarallo) Sim: respondendo afirmativamente em português. Comunicação apresentada no IX Encontro Nacional de Linguística, PUCRJ, 1984.

V.15.9 (em colaboração com Milton do Nascimento) Predicação primária e predicação secundária: uma reinterpretação da ordem V SN. Comunicação apresentada no Grupo de Trabalho de Descrição do Português (sub-grupo: referências teóricas), II Encontro da ANPOLL, 1987.

PASTA 5 PSICOLINGUISTICA - Livros

V.16.1 O Aprendizado da Leitura, Editora Martins Fontes, 1985.

V.16.2 No Mundo da Escrita, Editora Ática (Série Fundamentos), 1986.

V.16.3 (organização e apresentação) A Concepção da Escrita pela Criança, Campinas:Pontes Editores.

PASTA 6 PSICOLINGUISTICA - Artigos DIVERSOS -Artigos

V.17.1 Reconhecimento instantâneo e processamento. Série Estudos 8: 8-17.1982. Republicado em Kato (1985)

V.17.2 Estratégias em interpretação de sentenças e compreensão de textos, Cadernos PUC,16: 8-17, 1983.Republicado em Kato (1985).

V.17.3 Individual differences in the production of reduced coordinated structures by children. Resumo publicado no Handbook do LSA Summer Meeting: p.9, 1982.

V.17.4 Processos de decodificação: a integração do velho com o novo em leitura. Anais do I Encontro Nacional de Redação: 33-42, PUCSP, 1983.

Republicado em Kato (1985). Cf. Pasta 5.

V.17.5 Estratégias gramaticais e lexicais na leitura em língua estran-geira. ááCadernos PUC 17: Ensino de Línguas: 132-141, 1984.

V.17.6 Leitor: de analisador a reconstrutor. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mario de Andrade, 144 (1/2): 33-42, 1983. Republicado em Kato (1985)

V.17.7 Developing strategies to segment the written text. AILA/Brussels Proceedings 1984.

V.17.8 Estratégias cognitivas e meta-cognitivas e aquisição de leitura. Anais do I Encontro Interdisciplinar de Leitura: 102-145. Londrina, 1985. Republicado em Kato (1985). áCf Pasta 5.

V.17.9 Uma visão interativa da legibilidade. Ilha do Desterro, 13: 57-66, 1985.

V.17.10 A linguística e a aprendizagem da escrita. CADERNOS CEVEC, 4: Leitura e Escrita : 25-30, 1988.

V.17.11 Como a criança aprende a ler: uma questão platoniana. In: R. Zilberman e E.T. da Silva (orgs) Leitura: Perspectivas Interdisciplinares, Editora Ática (Série Fundamentos).

V.17.12 Em busca da coesão e da coerência na escrita infantil. In: Kato (org)(1988). Cf. Pasta 5.

V.17.13 (em c lab. com B. Scavazza) A produção de estruturas coordenadas reduzidas por crianças na linguagem oral e escrita. In: Kato (org.)(1988). Cf Pasta 6.

V.17.14 Aprendendo a redigir e a pensar. Anais do III Seminário Interdisciplinar de Ensino de Línguas e Literaturas á PUCRS, Porto Alegre, 1987. Versão final publicada em Cadernos Linguísticos, 14: 27-38. 1988.

V.17.15 A conceitualização gramatical na história, na aquisição e na escola. Anais do I Congresso Nacional de Linguística Aplicada., 1987. IEL-Unicamp.

V.17.16 Aspectos do bilinguismo na colônia japonesa. Ciência e Cultura: Simpósio I :101-09, 1978.

V.17.17 Fatores intervenientes na proficiência linguística oral dos descendentes de japoneses radicados na cidade de São Paulo, Série Estudos 8 : 79-91, 1982.

V.17.18 Linguística Aplicada: a influência da gramática teórica nos produtos pedagógicos. Anais do II Encontro Nacional de Linguística (conferências), PUCRJ, 1977.

PASTA 7 PRODUÇÃO TÉCNICO-DIDÁTICA NA ÁREA DE ENSINO DA GRAMÁTICA

V.18.1 Linguagem: Criatividade, série didática (5a a 8a) em colaboração com S.C. Meserani. Ed. Saraiva, 1978 e 1979.

V.18.2 . Súmula da Gramática Inglesa. In Get Ahead I e II de M.A.A. Celani, Longman, Londres, 1979, 1980.